

A súpula de uma época

BORIS SCHNAIDERMAN

O

livro *Ao Mesmo Tempo*, de Susan Sontag, com seus últimos ensaios e discursos, é tipicamente obra de quem está se despedindo. Percebe-se ali

até certo frenesi de expor o essencial de sua mensagem e um depoimento analítico sobre o trajeto percorrido. Ao mesmo tempo, é um livro de afirmação e luta, com formulações firmes na defesa das causas que defendia.

Ao falecer, ela o estava preparando. A organização do volume se deve, por conseguinte, a Paolo Dilonardo e Anne Jump, e é precedido por uma introdução do filho da autora, David



Ao Mesmo Tempo e Discursos, de Susan Sontag, São Paulo, Companhia das Letras, 2008, 248 p.

BORIS SCHNAIDERMAN

é professor aposentado do curso de Russo da FFLCH-USP e autor de, entre outros, *Turbilhão e Semente: Ensaio sobre Dostoiévski e Bakhtin* (Duas Cidades).

Rieff, também escritor e jornalista. A tradução brasileira se deve a Rubens Figueiredo.

Tanto nos ensaios como nos discursos, percebe-se uma forte preocupação com a ligação íntima entre o ético e o estético. Assim, já no primeiro ensaio, “Uma Discussão sobre a Beleza”, chega a afirmar que a “atribuição da beleza jamais ocorre sem mistura com valores morais”. A literatura é, segundo ela, “autoconsciência, dúvida, escrúpulo, rigor” (p. 159). Temos nesse volume

a despedida de alguém apaixonado pela literatura e, ao mesmo tempo, engajado nas lutas em prol de uma vida mais justa. Sua paixão é tipicamente a de uma radical do século XX, que assimilou os ideais de justiça social e liberdade, mas não se enquadrou nas normas rígidas dos partidos que visavam à transformação revolucionária e chegavam, paradoxalmente, a uma desumanização completa. A grande dúvida consiste na questão levantada por Dostoiévski: valerá a pena alcançar a harmonia universal se isso exigir as lágrimas de uma só criança¹?

É bem característica, nesse sentido, a exaltação que Sontag faz da figura de Victor Serge, o revolucionário inconformado, apologista da Revolução Russa. Depois prisioneiro no Gulag, foi libertado devido à pressão por parte de comunistas do Ocidente. Militante trotskista, finalmente desautorado por Trótski, era um lutador político e, ao mesmo tempo, escritor vigoroso (leiam-se, por exemplo, as suas *Memórias de um Revolucionário*²).

O empenho de Sontag em lutar contra as injustiças faz com que ataque violentamente as tentativas do governo Bush de apresentar as fotos da tortura de presos em Abu Ghraib, no Iraque, como *maus-tratos*, mas não *tortura*,

1 Mikhail Dostoiévski, *Os Irmãos Karamazov*, vol. I (livro II, capítulo IV, “A Revolta”), tradução de Paulo Bezerra, São Paulo, Editora 34, s/d.

2 Victor Serge, *Memórias de um Revolucionário*, tradução de Denise Bottmann, São Paulo, Companhia das Letras, 1987.

proibida por convenções internacionais. Enfim, fotos que testemunham a abjeção de uma sociedade em que “a violência se tornou endêmica nos ritos grupais de jovens com um ímpeto exuberante”. Ela chega a afirmar: “[...] os Estados Unidos tornaram-se um país em que as fantasias e as práticas de violência são vistas como um bom entretenimento, uma diversão”.

O credo da autora é afirmado com particular veemência no discurso de agradecimento ao receber o prêmio Friedenspreis, na igreja de São Paulo, em Frankfurt. Sua presença ali marcava uma situação extrema. Descendente de judeus do Báltico, ela tivera a infância e a juventude marcadas pela cultura alemã, numa cidadezinha norte-americana. Estar diante de um público alemão tinha algo em comum com a sua postura ao transcerver (p. 28) uma carta de soldado alemão na frente russa em dezembro de 1942, um texto de rara beleza, e que marcava a ocorrência de sentimento humano em meio à ferocidade generalizada.

A presença de Sontag em Kossovo nos piores momentos da guerra na Iugoslávia, não obstante a saúde bem precária, sua participação intensa nas tentativas de conseguir um respeito mútuo entre palestinos e israelenses são outros tantos momentos de uma luta incessante, da qual o livro em questão é documento incisivo.

Por outro lado, sua paixão pela literatura contribuiu para lançar luz sobre grandes obras do século XX que, de outro modo, não seriam percebidas. Foi certamente o caso do incrível *Verão em Baden-Baden* de Leonid Tzípkin³. O autor era importante médico-pesquisador, com cerca de cem trabalhos publicados tanto na Rússia como no Ocidente. Seu livro, um inesperado romance de vanguarda escrito num país em que se exigia padronização absurda de todas as obras literárias, saiu clandestinamente para o exterior e foi publicado numa revista em russo nos Estados Unidos. Traduzido para o inglês, não teve grande ressonância, e Susan Sontag acabou encontrando-o entre

os saldos empoeirados de uma livraria em Londres. O autor morrera em 1982 e, por conseguinte, não pôde tomar conhecimento da consagração de seu livro, graças a uma segunda edição em inglês, precedida justamente do ensaio agora incluído no livro póstumo de Sontag.

Sua preocupação com o que havia de importante na literatura mundial levou-a a voltar-se contra o vazio de algumas línguas e as respectivas literaturas serem geralmente consideradas mais importantes que outras, e isso a fez escrever: “Sem dúvida, *Memórias Póstumas de Brás Cubas* e *Dom Casmurro* de Machado de Assis e *O Cortiço* de Aluísio de Azevedo, três dos melhores romances jamais escritos no final do século XIX, seriam tão famosos como qualquer obra-prima do final do século XIX pode ser hoje, se não tivessem sido escritos em português por brasileiros, mas sim em alemão, francês ou russo. Ou inglês” (pp. 184, 185).

É verdade que, sendo ensaios de luta e engajamento, embora escritos com preocupação filosófica, ressentem-se às vezes da ligação muito imediata com o momento vivido. Por exemplo, no referido prefácio ao livro de Leonid Tzípkin, ela compara os seus intermináveis períodos com “as frases caudalosas de José Saramago”, quando seria muito mais justo confrontá-lo com a prosa das vanguardas russas nos seus momentos mais arrojados, como foi o caso de certas obras de Andréi Biéli ou Vielímir Khlébnikov.

Mas, a par de formulações que podem parecer um tanto precipitadas, há nesse livro textos que constituem nova reflexão, bem detida, sobre temas muito abordados em obras anteriores da autora, e que marcam algumas de suas obsessões. É o caso, por exemplo, do notável “Fotografia: uma Pequena Suma”, característico por algumas formulações lapidárias, como: “Fotografia é, antes de tudo, um modo de ver. Não é a visão em si mesma”.

Enfim, os ensaios desse livro têm muito de uma súplica de nosso tempo.

3 Leonid Tzípkin, *Verão em Baden-Baden*, tradução de Fátima Bianchi, São Paulo, Companhia das Letras, 2003.